



O Sumô intelectual: análise da diretividade presente nas entrevistas do *Jornal da Cultura*¹

Maisa Zickuhr²

André Cioli Taborda Santoro³

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

As entrevistas realizadas no meio jornalístico frequentemente induzem os entrevistados a fornecerem respostas que sejam condizentes à forma desejada pelo entrevistador. O objetivo deste trabalho foi problematizar a questão, analisar de que modo se dá essa interferência e determinar quais as consequências dessa condução no resultado da entrevista, e, a um nível mais elevado, na deontologia da profissão. Para tanto, confrontou-se as informações teóricas disponíveis sobre os métodos de entrevista à forma como este procedimento vem sendo de fato aplicado, utilizando as entrevistas do *Jornal da Cultura* como demonstrativos da realidade. Embora possa, a princípio, parecer nociva, a diretividade em entrevistas configura-se elemento primordial para um melhor rendimento do encontro, e só se transforma em desvio ético quando a liberdade de expressão do entrevistado não for respeitada.

Palavras-chave

Jornalismo; Entrevistas; Diretividade

Considerações iniciais

Na esfera jornalística, em que a realidade descrita é frequentemente confrontada com a vivida, o ato de entrevistar surge como ferramenta indispensável para a interpretação do real. Neste contexto, a participação do entrevistador é indiscutivelmente decisiva. A despeito disso, poucos são os estudos que se dedicam a analisar o modo como a atividade vem sendo praticada.

Essa defasagem reflete-se na forma como o interlocutor conduzirá sua entrevista e articulará suas questões. Raras são as entrevistas destituídas de diretividade em suas perguntas, que não conduzam o entrevistado à resposta desejada por seu interlocutor. Portanto, torna-se necessário compreender de que forma se dá essa dinâmica.

Para tanto, este artigo pretende refletir de forma crítica e científica acerca do teor diretivo das entrevistas, ao inquirir sobre as possíveis consequências deste procedimento

¹ Trabalho apresentado na Sessão Jornalismo da Intercom Júnior – V Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 6º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: maisa.zickuhr@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de graduação em Jornalismo e da pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie; doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo. E-mail: andresantoro@mackenzie.br



à credibilidade jornalística. A principal questão a ser respondida é se: “A diretividade presente nas entrevistas é ou não inerente à práxis jornalística?”. Para tanto, analisou-se as entrevistas do *Jornal da Cultura*, objetivando: (1) determinar, entre os diversos tipos de entrevistas existentes, qual é a forma mais recorrente; (2) identificar os momentos nos quais o entrevistador claramente direciona a entrevista (3) e avaliar quais são as consequências desse direcionamento.

Quanto ao Referencial Teórico

A primeira parte do referencial teórico se concentra na temática “entrevistas”. A seguinte fará um retrospecto histórico do *Jornal da Cultura* (doravante JC), adotado como objeto de estudo deste artigo.

1. A entrevista praticada no jornalismo

Dentre as definições sobre entrevistas, certamente destaca-se a peculiar atribuição feita por Heródoto Barbeiro. Questionado sobre o significado de uma entrevista, o jornalista concedeu a seguinte resposta:

A gente tem que partir do princípio: o que é uma entrevista? Entrevista é quando uma pessoa pergunta algo pra outra, não é isso? Isso formalmente é uma entrevista. Bom, agora vamos falar qualitativamente, o que é uma pergunta? Uma pergunta é um game, uma entrevista é um game, é uma luta, é um jogo. Em que eu vou tentar tirar dele coisas e ele vai tentar dizer o que ele pensa. Mas é um game, é um jogo ético.

Então é o jornalista de um lado e o entrevistado de outro. Se o entrevistado estiver bem treinado, o que ele faz? Ele faz uma linha no chão e ele só responde pro jornalista aquilo que estiver dentro da linha. Então eu vou tentar arrastar ele pra fora da linha, e ele vai tentar me puxar pra dentro da linha. Que jogo é esse? Que luta é essa? Que você empurra o cara pra fora e ele perde? É o sumô. A entrevista é um sumô intelectual.

É um jogo intelectual, então eu preciso usar das minhas habilidades técnicas e culturais para tirar dele coisas que o público quer saber. Ele, por sua vez, vai fazer o contrário, vai tentar dizer aquilo que ele acha que é mais importante dizer, e não o que eu perguntei. É uma luta, muitas vezes você ganha, muitas vezes você perde. O perigo é só o nocaute. (BARBEIRO, 2008).

De fato, toda luta requer técnica. Neste sentido, é curioso constatar que na esfera jornalística o assunto foi pouco teorizado, funcionando nas redações de forma meramente intuitiva (MEDINA in: MELO, 1992). Essa “deficiência teórica” acaba comprometendo o resultado das entrevistas, cujas respostas apresentadas pelos entrevistados (em certos momentos) meramente espelham a opinião do repórter.



1.1 A questão diretiva

Este trabalho tenciona (ainda que modestamente) oferecer uma alternativa a este cenário. Para tanto, serão resgatadas as abordagens feitas por Rogers, Mucchielli e Morin sobre o caráter diretivo das entrevistas.

1.1.1 A Entrevista Diretiva

Segundo Rogers (1997), no método diretivo o entrevistador assume a direção do diálogo influenciando seu entrevistado a assumir uma opinião que lhe parece ser a mais correta. Este fenômeno não se expressa unicamente pela fala: nossos gestos – ou a ausência deles – também influenciam as outras pessoas. Baitello Jr. (1999) afirma ser:

“impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, ‘frases’ e ‘vocabúlos’ corporais. (...) Qualquer que seja o movimento ou sua ausência, haverá sempre um sentido, uma mensagem a ser lida por um corpo vivo diante de outro corpo” (Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/maquina.pdf>>. Acesso em: 1º Junho de 2009).

Portanto, ao entrevistar, o jornalista deve ter em mente que qualquer atitude sua inevitavelmente conduzirá a um comportamento ou atitude em resposta (MUCCHIELLI, 1994). Em contraponto, a não intervenção integral subaproveita os resultados do diálogo, pois “é necessário *dirigir* a entrevista, mas de uma forma determinada, sem criar outras reações induzidas, a não ser as de aumento ou de facilitação da expressão espontânea” (*Idem*, p.44, grifo do autor). Dell’omo (2008), chefe de redação do *JC*, defende a intervenção jornalística na entrevista:

“O entrevistador é quem conduz a entrevista, é ele quem determina seu rumo. Claro que o entrevistado pode dizer o que ele quiser, mas o norte da entrevista é dado pelo entrevistador (...). A condução da entrevista pelo entrevistador é fundamental.”

1.1.2 A Entrevista Não-diretiva

Nem todos pensam como Dell’omo. Para teóricos como Morin, Mucchielli e até mesmo Rogers, nas entrevistas deve prevalecer a não-diretividade. Segundo essa técnica, o repórter se centra na figura do entrevistado, permitindo que este tenha consciência de si próprio ao se expressar abertamente. Esse método facilita o diálogo e otimiza a compreensão do que foi dito.



Atualmente não há, por parte da imprensa brasileira, uma maior preocupação quanto ao grau de diretividade empregado em entrevistas. Quando questionado sobre qual veículo realiza boas entrevistas, Sodré (In: CAPUTO, 2006, p.195) volta no tempo:

“sem dúvida o *Pasquim*. Dificilmente hoje qualquer veículo faz entrevistas como aquela que o *Pasquim* fazia em sua época de ouro. O grande sucesso do *Pasquim* eram suas entrevistas, que eram *não-directivas*, ou seja, havia questões, mas se deixava o entrevistado falar livremente e até falar muito. As entrevistas também eram transcritas, preservando tudo o que o entrevistado falava. Assim apareciam coisas muito interessantes. Coisas que não estavam previstas, palavras, referências sexuais, pessoais. Era tudo inesperado, mas transcrito e publicado tal e qual.”

A resposta do teórico nos alerta para a realidade: os veículos atuais pouco ou nada se voltam para a questão da diretividade. E não se trata de publicar a entrevista sem reescrevê-la. Mais do que a transcrição literal – que em parte aconteceu no *Pasquim* por “sacada” dos entrevistadores e em parte por preguiça de reformular a entrevista (JAGUAR, 2005) –, o sucesso das conversas se devia à forma como os entrevistadores a realizavam, permitindo ao entrevistado se expressar livremente.

1.1.3 A entrevista midiática

Utilizando o critério de comunicabilidade das entrevistas, Morin classifica-as em três graduações.

A primeira é chamada *Entrevista-rito*. ocorre em qualquer tipo de evento programado, nos quais declarações corriqueiras autenticam a cerimônia (MORIN, 1973). Ela se aplica, por exemplo, às entrevistas com atletas vencedores, repletas de declarações previsíveis. Como as do nadador Cesar Cielo, campeão Olímpico em 2008, cujas palavras exprimiam a alegria por ter vencido e subido ao pódio.

As *Entrevistas Anedóticas* abordam assuntos estritamente banais. Não buscam mais do que entreter o público, exaltando-se a figura do entrevistado com questionamentos previsíveis e superficiais. Revistas como *Caras* ou *Contigo!* geralmente trazem entrevistas deste tipo, em que se evita a discussão de temas mais elaborados em prol de “conversas” com celebridades.

Por fim, a *Entrevista-diálogo* ocorre quando entrevistador e entrevistado buscam interpretar um tema a partir do diálogo entre si. O programa *Roda Viva* personifica esta situação: o entrevistado coloca-se diante de jornalistas e convidados para responder a



perguntas feitas por eles e também pelo telespectador, sobre questões que sejam relevantes à sociedade ou esclareçam sobre a vida do entrevistado.

Valendo-se dessas classificações, Medina (2001) as agrupa em outras duas categorias: à das entrevistas de espetacularização e às de compreensão. Segundo a autora, as duas primeiras entrevistas descritas por Morin corresponderiam às entrevistas “espetaculares”, fundadas na superficialidade, que exploram o pitoresco ou o inusitado e se valem de ironias para desmoralizar os entrevistados (como os programas sensacionalistas que seguem a linha do *Cidade Alerta*).

A segunda tendência da entrevista é a de compreensão, na qual se enquadra as entrevistas-diálogo. Compreensão, neste caso, se traduz pela tentativa do repórter em esclarecer questões a partir da opinião do entrevistado. Diversos telejornais brasileiros – entre eles o *Jornal da Globo* e o *Jornal da Cultura* – utilizam-se dessa tendência quando conversam com especialistas. Em se tratando de temas polêmicos, a entrevista de compreensão, ao contrário da espetacular, procura esclarecer as ambiguidades da situação. O jornalista não assume a função de polemizador, mas a de mediador.

Infelizmente, o consenso atual parece ser o de que todos os veículos têm, em algum nível, laços de dependência com outras instituições, o que os impede de desenvolver seu trabalho de forma totalmente idônea. Pode-se, contudo, elencar algumas instituições como a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal Nacional* que, embora não sejam totalmente desvinculadas de seus patrocinadores, ao menos se preocupam em checar a credibilidade de suas fontes, realizando reportagens baseadas em opiniões de especialistas e garantindo o direito de resposta dos envolvidos. Para Sodré (In: CAPUTO, 2006, p.194), “se dá maior espaço ao entrevistado quanto menos comprometida publicitariamente for a revista”. Neste sentido, uma quarta publicação merece ser considerada: “hoje a revista *Caros Amigos* é uma das poucas cuja linha editorial não é determinada pela publicidade. Assim, sem censura interna, a revista deixa o entrevistado falar mais livremente” (SODRÉ, In: CAPUTO, 2006, p. 194).

2. O Jornal da Cultura

O *JC* existe desde dezembro de 1986. Marcado por inúmeras mudanças editoriais, o telejornal foi o primeiro na televisão brasileira (em abril de 88) a adotar a figura de um âncora para a apresentação e comentários das notícias. Também inovou ao implementar (em 1999) um modelo de jornalismo público, que abordava questões de



interesse público e social, para satisfazer as necessidades do cidadão ao primar pela informação em detrimento da emoção e da manchete.

Em 2007, a coordenação de jornalismo do telejornal idealiza um novo formato. Para estimular a reflexão e o aprofundamento da notícia, a utilização dos recursos tecnológicos (como o *teleprompter*, no qual os jornalistas leem as notícias) foi reduzida e os apresentadores passaram a transmitir as informações de forma espontânea e improvisada, estimulando uma “conversa” com o telespectador. Para realçar a mudança, o cenário do *JC* passou a oferecer um ambiente mais informal, assemelhado a uma “sala de estar”, com a tradicional bancada substituída por poltronas, num espaço mais intimista e pessoal. Foi nesta fase que o telejornal realizou entrevistas diárias com renomados especialistas e autoridades; e são essas entrevistas que serviram como material de análise para esta pesquisa científica.

Atualmente, o *JC* entra em seu 26º ano de duração. O programa retorna ao formato tradicional de apresentação de notícias, recorrendo à utilização da bancada e do *teleprompter*. Michelle Dufour, Adriana Couto e Heródoto Barbeiro apresentam o noticiário. Sua transmissão ocorre de segunda a sábado, a partir das 21h00.

Metodologia

Para a realização deste artigo, adotou-se uma metodologia de pesquisas bibliográfica e documental sobre estudos relacionados a entrevistas, atrelado à análise das entrevistas do *JC*. O telejornal foi preferido por apresentar entrevistas ao vivo, sujeitas ao imprevisto e livre de edições. Seu caráter informativo e a relevância do noticiário foram considerados, já que as entrevistas eram diárias e complementavam outras reportagens. Por fim, a facilidade em ter acesso ao material foi outro fator determinante para a escolha do programa.

Foram realizadas entrevistas com o editor-chefe do *JC* e com os entrevistadores (Michelle Dufour e Heródoto Barbeiro), a fim de descobrir quais foram suas orientações para desenvolver a prática, bem como suas opiniões acerca do tema central desta pesquisa. O acervo da Rede Cultura foi consultado para a formulação do histórico do telejornal.

Para analisar o material reunido, procurou-se determinar em quais categorias se enquadravam as entrevistas. O estudo concentrou-se nas perguntas dos jornalistas: a partir de sua transcrição, procurou-se identificar características em comum que



justificassem seu agrupamento em categorias (estipuladas conforme se julgou necessário). As respostas fornecidas serviram como parâmetro para avaliar a necessidade e importância das intervenções feitas pelos entrevistadores.

Por fim, contabilizou-se a incidência das informações recolhidas para determinar sua relevância ao estudo e a partir de então especular o quanto os resultados obtidos contribuíram para atingir os objetivos da pesquisa.

Resultados e Discussões

As entrevistas do *JC* propunham-se a analisar o principal assunto do dia, com o auxílio de um profissional que pudesse oferecer uma visão diferenciada sobre o tema em questão. Para tanto, os entrevistados eram teóricos conceituados ou indivíduos que mantinham relações diretas com o assunto em questão (por ocuparem cargos de direção ou presidência dos órgãos cujas entrevistas se relacionavam). As discussões promovidas pelo telejornal abrangiam diversas esferas de interesse, traduzidas pela variedade de editorias nas quais se enquadravam. Os temas abordados eram de relevância variada.

As análises referem-se a doze entrevistas transmitidas no *JC* entre os meses de novembro de 2007 e setembro de 2008. Selecionou-se uma entrevista por mês, exceto em dezembro, que houvera duas entrevistas em destaque. Das escolhidas, três abordavam a temática econômica; três política internacional; duas política nacional; e duas o cotidiano. Houve, ainda, um debate sobre questões científicas e um “especial” sobre a sustentabilidade mundial no ano de 2007.

Foram analisadas as entrevistas cronologicamente listadas abaixo:

- Adesão da Venezuela ao Mercosul/ Eleições presidenciais na Venezuela (20 Nov. 2007);
- Álcool e trânsito (19 Dez. 2007);
- ESPECIAL: O mundo em 2007 sob o ponto de vista da sustentabilidade (31 Dez. 2007);
- Cumprimento ao decreto de reutilização de entulho proveniente da construção civil (15 Jan. 2008);
- Renúncia de Fidel Castro (19 Fev. 2008);
- DEBATE: Pesquisas com células-tronco embrionárias (04 Mar. 2008);



- O sensacionalismo da mídia (21 Abr. 2008);
- Oferta de compra do Banco Nossa Caixa pelo Banco do Brasil (27 Mai. 2008);
- Divulgação da “Lista Suja” (20 Jun. 2008);
- Guerrilha Colombiana (03 Jul. 2008);
- Condições para o financiamento das empresas privadas pelo BNDES (13. Ago. 2008);
- Crise Imobiliária norte-americana (08 Set. 2008);

As entrevistas do Jornal da Cultura quanto ao seu critério de comunicabilidade

Quanto ao critério de comunicabilidade, as entrevistas analisadas pertencem, em sua totalidade, à categoria de entrevista-diálogo (conforme a divisão de Edgar Morin – na qual entrevistador e entrevistado buscam interpretar determinado assunto a partir do diálogo que travam entre si). Em consequência disso, se enquadram na categoria de entrevistas de compreensão, conforme a definição de Medina (em que o entrevistador procura esclarecer questões valendo-se do conhecimento específico do entrevistado).

O método da não-diretividade confrontado aos entrevistadores do JC

Conforme os estudos de Carl Rogers, uma entrevista não-diretiva ocorre, basicamente, quando o entrevistador respeita os princípios de: permitir a livre expressão do entrevistado; facilitar a compreensão do espectador sobre o que foi dito; auto-disciplinar-se para não incorrer em comentários e/ou intervenções na fala do entrevistado.

Adotando tais critérios como pressupostos, procurou-se determinar se os entrevistadores do *JC* utilizam-se ou não da técnica não-diretiva em suas entrevistas. Confrontando-se o *corpus* desta pesquisa aos conceitos determinados por Rogers, chegou-se às seguintes conclusões:

1) É vedada a livre expressão do entrevistado. Por serem destinadas à mídia televisiva, as entrevistas do telejornal acontecem dentro de diretrizes pré-determinadas, tais como: lugar, horário, pauta. Estes elementos agem como empecilhos, de modo que a liberdade de fala do entrevistado é restritiva aos fatores da dinâmica televisiva.

2) Há um empenho do jornalista em facilitar a forma de expressão de seu entrevistado. No que concerne ao teor das perguntas, observa-se que são bastante claras e explicativas. A recepção é facilitada pelo repórter que, em alguns momentos, faz às



vezes de “intérprete” da fala do entrevistado, facilitando a intermediação entre este e o público.

3) Por fim, quanto ao aspecto da não-intervenção/comentário, percebeu-se que os repórteres não apresentaram indícios de que evitavam interferir na fala do entrevistado. Ao contrário: em muitas vezes a palavra do respondente foi interrompida, com questões irrelevantes ao desenvolvimento da entrevista ou comentários igualmente dispensáveis.

A análise dos elementos de forma conjunta, aproximando-se os resultados similares e se desconsiderando os díspares, permitiu deduzir que os jornalistas do JC *não* regem suas entrevistas a partir dos critérios da não-diretividade.

A diretividade presente nas perguntas

Isso posto, fez-se mister inquirir sobre a incidência deste teor diretivo nas entrevistas selecionadas. O resultado da análise das 72 perguntas feitas pelos jornalistas Raul Lores, Michelle Dufour e Heródoto Barbeiro, demonstrou que *todas* apresentaram diretividade. Esse resultado confirma a hipótese anterior. Afora aqueles argumentos, é preciso ainda considerar que a mera elaboração de uma pergunta já se configura como um ato diretivo ao raciocínio de resposta do entrevistado.

A seguir, a análise discriminada dos assuntos abordados:

1) Em alguns casos foi possível identificar mais claramente a indução de resposta do repórter. Nestas questões, a diretividade se expressa por uma “introdução” (em geral, uma afirmação) que precede a pergunta. Das 72 questões estudadas, 24 foram formuladas a partir da abordagem de assuntos que funcionaram como diretrizes de resposta ao entrevistado.

A necessidade dessas conduções é discutível e varia conforme a relevância da afirmação feita. Assim sendo, dos casos citados, averiguou-se que em 15 deles a intervenção do jornalista era de caráter essencial para que o entrevistado pudesse compreender o significado da pergunta para elaborar uma resposta à altura. A entrevista realizada em 20 de Novembro de 2007, a respeito das eleições na Venezuela exemplifica o caso. Nela, foi feita a seguinte pergunta ao entrevistado:

“As pesquisas dizem um empate entre o sim e o não, o que mostra que muita gente que votou pela reeleição do Chavez no ano passado agora não está tão confiante em dar esses novos poderes a ele. O que aconteceu com o Chavez internamente?”



As informações acrescidas pelo jornalista justificam a pergunta e indicam ao entrevistado qual foi a linha de raciocínio utilizada. Obviamente, se o entrevistador tivesse apenas feito a pergunta “O que...”, o participante não saberia ao certo quais elementos adotar como ponto de partida para formular sua resposta.

Em nove casos julgou-se que as considerações do jornalista eram desnecessárias, pois o entrevistado seguramente poderia abordar o tema sem dificuldades caso não contasse com a indução prévia de seu interlocutor. Como na entrevista de 19 de Dezembro de 2007, na qual Barbeiro faz a seguinte pergunta a seu entrevistado:

“Para todo mundo que a gente pergunta se ‘você está alcoolizado?’, a pessoa diz ‘não’. A pessoa perde a consciência, a pessoa perde o bom senso, para saber se está alcoolizada ou não?”.

Em casos como este, o entrevistado certamente poderia responder à segunda parte da pergunta sem qualquer prejuízo de entendimento. A despeito disso, em cinco destes casos percebeu-se que, embora desnecessários, tais comentários sofisticaram o diálogo, fornecendo informações adicionais que valorizaram a pergunta e contribuíram para aprimorar o nível das respostas. Nesta última categoria inclui-se outra pergunta da mesma entrevista: “A publicidade diz assim ‘se beber não dirija’, mas não diz ‘se dirigir, não beba’. A publicidade incentiva as pessoas a beberem?”; aqui, sem dúvida o entrevistado poderia responder à pergunta “A publicidade ...”, facilmente. No entanto, o jogo de palavras, atrelada à perspicácia da observação, por certo proporcionaram uma visão mais ampla da questão.

O mesmo ocorreu na entrevista de 15 de Janeiro de 2008 sobre a reutilização de entulho proveniente da construção civil. Barbeiro questiona:

“O que fazer com esse entulho? A gente tem visto aí, recentemente deve ter visto uma reportagem no Jornal da Tarde, mostrando que uma boa parte dos caçambeiros pegam esse entulho e depositam numa das passagens do rio Tietê, num alagado. Aí eles vão enchendo aquilo tudo, aquilo vira um terreno e depois eles vendem para se fazer uma favela em cima do terreno. Que outro destino poderíamos dar pra isso?”.

Aqui a relevância da pergunta “O que fazer...” é justificada por um dado externo a qual o jornalista teve acesso e trouxe para aprimorar a discussão. A pergunta possivelmente teria outra interpretação – indiferente à questão sócioambiental envolvida – se não tivesse contado com a informação adicional do jornalista.



2) De um modo geral, é possível enquadrar as perguntas das entrevistas analisadas em duas categorias principais, denominadas: perguntas de *interpretação da realidade e interpretação da fala do entrevistado*.

1. Perguntas de interpretação da realidade

O entrevistador elabora sua pergunta a partir do que julga ser uma interpretação correta da realidade. Ele põe à prova sua teoria valendo-se dos conhecimentos do entrevistado para refutá-la ou legitimá-la.

Assim, na entrevista do dia 3 de julho de 2008 sobre a libertação de um grupo de prisioneiros norte-americanos da Guerrilha Colombiana, por exemplo, o jornalista Heródoto Barbeiro pergunta à Maristela Bastos, professora de Direito Internacional da Universidade de São Paulo (USP):

“Professora, tem aquela história de dizer ‘a pessoa certa, no lugar certo, no momento certo’, etc. Bom, o McCain, que é candidato pelos republicanos à presidência dos Estados Unidos, estava na Colômbia exatamente no momento em que houve essa libertação. Isso pode ou não influenciar alguma coisa na eleição americana?”

Neste caso o jornalista valeu-se do fato de que a libertação dos prisioneiros ocorrera concomitantemente à viagem de McCain ao país colombiano como ponto de partida para uma teoria (a de que a presença do candidato no momento da libertação influenciaria nas eleições norte-americanas) a ser analisada pela especialista.

Também se pode enquadrar nesta categoria a entrevista de 27 de maio de 2008 sobre a compra do banco Nossa Caixa pelo Banco do Brasil. Nela, Barbeiro faz a seguinte pergunta ao deputado Vaz de Lima:

“Pelo o que eu entendi então, da reportagem e também do que disse o governador Serra, o mercado poderá participar disso. Poderá haver um leilão no mercado. Outros bancos poderão dizer ‘Olha eu faço uma oferta melhor do que o Banco do Brasil’. Aí ele poderia comprar a Nossa Caixa ou não, ou estaria impedido pela lei?”

A partir da reportagem fornecida, o jornalista transmite ao seu entrevistado uma hipótese (neste caso, a de que outros bancos podem vir a participar do leilão de compra) a ser discutida com o entrevistado. A diferença entre a última pergunta e a primeira é que recebe um complemento por parte do entrevistador, que interroga o participante – presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo – à vista do aspecto legal envolvido na transação.



Portanto, os exemplos diferem-se entre si no que diz respeito ao “aspecto técnico” das perguntas: a referente ao candidato McCain apresenta um questionamento tanto quanto subjetivo, no qual o especialista provavelmente elaborará sua resposta a partir de suposições, fazendo ele mesmo uma nova interpretação da realidade que o cerca; já no segundo caso, a pergunta relaciona-se intimamente com a especialidade do entrevistado, que precisará explicar ao telespectador, de forma didática, o que sua experiência profissional permite conjecturar para o caso.

Das 72 perguntas analisadas, 54 correspondem a esta categoria de *interpretação da realidade* sendo que destas, 17 foram elaboradas nos moldes do primeiro exemplo apresentado e 37 nos do segundo. Logo, em detrimento de questões mais abstratas, a maioria das perguntas é elaborada visando a adequação do tema da entrevista à especialidade do entrevistado.

2. Perguntas de interpretação da fala do entrevistado

Na categoria seguinte, referente às perguntas de *interpretação da fala do entrevistado*, o repórter reestrutura o que foi dito pelo entrevistado, “traduzindo” ao telespectador o que aquele quis transmitir. Em alguns casos, o discurso do entrevistado é recuperado para que o jornalista obtenha esclarecimentos sobre algo que lhe tenha interessado.

No dia 21 de abril de 2007, Michelle Dufour realizou uma entrevista parcialmente alicerçada por essas características. Sob o tema de sensacionalismo na mídia, inspirado nas coberturas jornalísticas eticamente duvidosas do “Caso Isabella Nardoni”, Michelle entrevistou o também jornalista e professor de ética e comunicação Carlos Alberto Di Franco, para analisar as diretrizes da profissão sob o olhar do especialista. Eis algumas de suas perguntas:

“Ou seja, na opinião do senhor a novela se sobrepõe ao fato, por exemplo, a gente tem esquecido um pouco de avaliar em cima do fato da violência contra uma criança e fica sempre vendo esses novos capítulos da novela, seria isso?”

“Nós seríamos afetados, então? Vítimas de nós mesmo? Seria isso?”

“Para isso serve os programas de entretenimento? Por exemplo, o senhor distinguiria o jornalismo do entretenimento? Entretenimento serviria ao Ibope, atenderia ao Ibope e não ao jornalismo? Seria isso?”

Nestas questões a jornalista reelabora, de forma resumida e simplista, a resposta anterior do entrevistado e então se baseia nestas declarações para formular a pergunta

seguinte. Não obstante, a maneira como tais questões foram elaboradas demonstra o quanto este procedimento pode se configurar diretivo: na ânsia de aprofundar-se no tema, Michelle acaba por restringir as respostas de Di Franco; em certos casos, ao invés de incentivar seu entrevistado a citar exemplos que elucidem o que está sendo dito, a jornalista cria, por si mesma, seus próprios exemplos, colocando-os à aprovação do entrevistado (como no exemplo de que “a novela se sobrepõe ao fato” – observação que não havia sido anteriormente feita pelo participante.)

Assim sendo, avalia-se que a jornalista apresentou suas questões de forma persuasiva, pressupondo a legitimidade de sua afirmação. Pelo tom da pergunta, é pouco provável que o respondente venha a discordar da jornalista, a menos que o primeiro disponha de qualquer informação que venha refutar a teoria deste último.

No que concerne ao caráter técnico desta categoria pode-se, ainda, observar que as expressões “ou seja,”; “então”; “seria isso” e outras como “né”; “quer dizer”; são marcas discursivas que permitem ao entrevistado/telespectador compreender que o interlocutor está se utilizando da ideia do entrevistado para formular sua pergunta.

Das 72 perguntas analisadas, seis foram elaboradas a partir de respostas anteriores do entrevistado.

Quando a diretividade é evidente e incisiva

Diante da análise realizada, pode-se afirmar que a diretividade das perguntas aumenta de forma inversamente proporcional ao grau de conformidade que o entrevistador apresenta em relação ao que foi expresso pelo entrevistado. Quando o jornalista discorda da opinião do participante, tende a apresentar questões de maior teor diretivo. Em quatro das doze entrevistas analisadas, pôde-se notar que ante uma resposta inesperada, o jornalista elaborava uma seguinte pergunta mais restritiva, geralmente acrescida de sua opinião particular (e contrária ao que foi dito).

A entrevista na qual esta forma condutiva foi mais evidente foi a do dia 19 de Fevereiro de 2008, realizada pelo jornalista Heródoto Barbeiro com a historiadora Maria Aparecida de Aquino, a respeito da renúncia do ex-presidente cubano Fidel Castro.

A primeira pergunta de Barbeiro referia-se à conduta política de Castro, e questionava se estaria correta a afirmação de que o cubano se transformara de libertador em ditador. Diante da negativa da historiadora, o jornalista pergunta: “*A senhora tem dúvida em chamá-lo de ditador?*”, e em seguida: “*Como nós podemos classificá-lo?*”.



Tais perguntas esclarecem, ainda que veladamente, que Barbeiro mantém uma opinião política contrária à de sua entrevistada, submetendo-a então a questões de ordem diretiva, na qual há pouca ou nenhuma possibilidade de variação de resposta.

As perguntas seguintes levam a entrevistada a abordar aspectos negativos (e condizentes ao discurso de Barbeiro) da gestão de Fidel, a partir de considerações feitas pelo jornalista sobre o regime. Na primeira delas, Heródoto questiona: *“Mas não foi a substituição de uma ditadura por outra?”*, o que força a historiadora a admitir que *“em termos de autoritarismo”* a afirmação do jornalista está correta. Em seguida, contudo, ela ressalta o fato de que o regime de Castro trabalha no sentido da igualdade social, o que leva a uma segunda intervenção do repórter: *“Mas aí não seria perigoso confundirmos com outros ditadores que distribuíram renda, como Hitler fez na Alemanha? Ou Mussolini fez na Itália? E os dois tinham beneplácito popular?”*.

Essa entrevista demonstra todos os esforços do jornalista em fazer com que seu ponto de vista prevaleça diante da opinião discordante de sua entrevistada. No final, não há sequer uma pergunta, mas considerações por parte do entrevistador, que nitidamente desvia o foco da entrevista em prol de questões subjetivas e particulares. Reitera Barbeiro em relação ao regime cubano: *“Mas não tem liberdade de imprensa. Mas não há liberdade de expressão. Há pessoas presas por crime de consciência...”*.

Por fim, pode-se acrescentar que a utilização da conjunção adversativa “mas” é recorrente nestes casos nos quais o jornalista direciona a entrevista a uma posição que o agrada, e se configura, ela própria, uma forma de condução que claramente demonstra a insatisfação do entrevistador ao que foi anteriormente expresso por seu entrevistado.

O Sumô Intelectual

Para alcançar o objetivo central desta pesquisa – determinar se a utilização de métodos diretivos é inerente às entrevistas – foi feita uma análise das entrevistas transmitidas pelo *JC*. O levantamento de seu histórico demonstrou que o noticiário sempre esteve envolvido em diversas mudanças técnicas, metodológicas e estruturais.

É válido destacar as contribuições do informativo para a comunidade jornalística, a partir de suas inovações em seu modelo de transmissão (ao utilizar um âncora) e em sua política de Jornalismo Público (priorizando a informação pública em detrimento de interesses institucionais). A credibilidade do programa se confirma ao considerarmos que as entrevistas do *JC* pertencem à categoria de entrevista-diálogo



(que busca o esclarecimento de questões relevantes à sociedade a partir do diálogo travado entre jornalista e participante) e conseqüentemente, à categoria de entrevista de compreensão (em que o entrevistador procura esclarecer dúvidas a partir da opinião do entrevistado). Esses modelos só são possíveis quando se faz um trabalho jornalístico responsável. Assim sendo, ao prestar serviços à sociedade, o *JC* transmite ao telespectador a sensação de que suas entrevistas são idôneas e descomprometidas, quando na realidade estão invariavelmente atadas a uma série de questões técnicas e subjetivas que restringem a liberdade de atuação da emissora.

Mesmo se tratando de um telejornal que propunha realizar e transmitir entrevistas diariamente, tal prática foi pouco refletida pelos idealizadores do *JC*: não houve um estudo detalhado sobre a forma como os jornalistas deveriam conduzir suas conversas; tampouco qualquer orientação além da que incentivava os apresentadores a realizarem perguntas que levassem em consideração o interesse do público. Transpondo esses dados a um cenário macro, percebe-se que a situação observada dialoga perfeitamente com a realidade da área jornalística, na qual não existe qualquer interesse em se aprofundar em questões referentes às entrevistas diretivas.

A despeito disso, poucas foram as entrevistas negativamente influenciadas por perguntas diretivas. Na maioria dos casos, julgou-se que o teor diretivo empregado era imprescindível para a fluidez das entrevistas. Nos demais, a pergunta detalhada chegava até mesmo a oferecer subsídios para que o entrevistado sofisticasse sua resposta.

Finalmente, após a análise das entrevistas, foi possível afirmar que não há, entre a modalidade jornalística, entrevistas destituídas de qualquer grau diretivo. Este fato está distante de representar elevado grau negativo, uma vez averiguado que tal característica é de caráter fundamental para o aprimoramento e evolução do diálogo. Uma constatação menos otimista é a de que as entrevistas jornalísticas primam mais pela intuição e habilidade empírica do entrevistador do que pelo seu embasamento teórico, resultando em entrevistas não-lineares, variantes e que por vezes se tornam difíceis de conduzir e/ou interpretar.

Os episódios mais alarmantes nos quais o jornalista aumentou sua diretividade só ocorreram quando este se viu contrariado pela opinião do entrevistado. Nesses casos, constatou-se que o repórter tendia a direcionar o raciocínio de seu entrevistado para que apresentasse concordância com seu ponto de vista. A partir disso, pôde-se deduzir que o



nível de diretividade presente nas perguntas do entrevistador aumenta de forma inversamente proporcional ao grau de concordância das respostas do entrevistado.

A diretividade é essencial para a realização de uma entrevista. Portanto, não deve ser considerada um problema ético a ser combatido a menos, é claro, que o jornalista não saiba identificar a tenuidade que separa suas posturas pessoal e profissional, deixando suas convicções interferirem no modo como realiza a entrevista. Permito-me resgatar a expressão de Barbeiro para afirmar que, se os jornalistas incorrerem nesta falta, estarão a um passo de atravessar a linha que os fará perder a luta.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., Norval. **A mídia antes da máquina**. Centro Disciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 1999. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/porta/biblioteca/maquina.pdf>> Acesso em: 1º Jun. 2009.

BARBEIRO, Heródoto. Em entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2008.

DUFOUR, Michelle. Em entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2008.

DELL'OMO, Evaldo. Em entrevista realizada no dia 15 de Outubro de 2008.

JAGUAR. In: RIVOIRO, Luiz (org.). **As 30 melhores entrevistas da Playboy: agosto 1975 – agosto 2005**. São Paulo: Abril, 2005.

MEDINA, Cremilda. Entrevista. In: MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. 2ª Ed. São Paulo: FTD, 1992.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2001.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MUCCHIELLI, Roger. **A entrevista não-diretiva**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ROGERS, Carl R. **Psicoterapia e Consulta Psicológica**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SODRÉ, Muniz, In: CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.